



**UNIVERSIDADE  
FERNANDO  
PESSOA**

## **União Europeia em transição: O grande desafio demográfico do século XXI**

European Union in Transition: The Great Demographic Challenge of the 21st Century.

Projeto de Graduação

Ciência Política e Relações Internacionais – Estágio e Projeto de Graduação

Gonçalo Alberto Oliveira Pinto

Orientador:

Prof. Doutor Álvaro Campelo

Setembro, 2025



## **União Europeia em transição: O grande desafio demográfico do século XXI**

European Union in Transition: The Great Demographic Challenge of the 21st Century.

Projeto de Graduação

Ciência Política e Relações Internacionais – Estágio e Projeto de Graduação

Gonçalo Alberto Oliveira Pinto

Orientador:

Prof. Doutor Álvaro Campelo



## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço ao Professor Doutor Álvaro Campelo Martins Pereira, pela sua disponibilidade para me orientar na elaboração deste projeto.

Agradeço também a todos os docentes, profissionais e colegas da Universidade Fernando Pessoa, pelo tempo de aprendizagem e pela boa companhia ao longo de todos os três anos de licenciatura.

À minha família, obrigado por todo o amor e apoio que sempre me deram e que continuam a dar. A sua presença e o seu incentivo foram essenciais.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.



## **Resumo**

Este trabalho analisa o grande desafio demográfico que a União Europeia enfrenta atualmente, marcado pelo envelhecimento da população, pela queda das taxas de natalidade e pelo aumento dos fluxos migratórios. Os primeiros fatores colocam pressão sobre os sistemas de pensões, saúde e serviços públicos, porque há cada vez menos pessoas em idade ativa para sustentar economicamente uma população mais envelhecida. Neste contexto, a imigração surge como uma resposta importante: pode compensar a falta de mão de obra jovem, trazer dinamismo económico e renovar a sociedade. Mas só resulta se acompanhada de políticas eficazes de integração que assegurem acesso ao trabalho, educação e participação cívica. O texto compara abordagens nacionais, mostrando a Alemanha como exemplo de acolhimento e integração planeados, a Polónia como um caso de mudança ao receber milhões de ucranianos, a Hungria como exemplo dos riscos de fechar fronteiras, e a Itália como caso de receção sem integração suficiente. Conclui que nem abrir nem fechar portas resolve os problemas, por si só. É preciso combinar imigração com integração, apoio à natalidade, inovação e políticas sociais para transformar o desafio demográfico numa oportunidade de desenvolvimento sustentável para a Europa.

**Palavras-chave:** União Europeia, Imigração, Integração, Sustentabilidade demográfica.

## **Abstract**

This work analyzes the major demographic challenge currently facing the European Union, marked by an aging population, declining birth rates, and increasing migratory flows. The first two factors place significant pressure on pension systems, healthcare, and public services, as fewer people of working age are available to economically support a growing elderly population. In this context, immigration emerges as an important response: it can compensate for the shortage of young workers, stimulate economic dynamism, and renew society. However, it is only effective when accompanied by strong integration policies that ensure access to employment, education, and civic participation. The text compares national approaches, presenting Germany as an example of planned reception and integration, Poland as a case of change after welcoming millions of Ukrainians, Hungary as an example of the risks of closing borders, and Italy as a case of reception without sufficient integration. It concludes that neither opening nor closing doors alone solves these problems. A combination of immigration, integration, support for birth rates, innovation, and social policies is necessary to transform the demographic challenge into an opportunity for sustainable development in Europe.

**Keywords:** European Union, Immigration, Integration, Demographic sustainability.



## **Índice Geral**

Introdução.....	14
1. O envelhecimento populacional e a baixa natalidade.....	15
1.1 Contexto demográfico atual.....	15
2. Consequências Económicas e Sociais.....	15
2.1 Redução de Crescimento Económico.....	16
3. Migração: Um Elemento Central na Resposta Europeia.....	16
3.1 Políticas de Integração da EU.....	16
3.2 A Migração Como Parte de uma Solução.....	17
3.3 Exemplos de países europeus.....	17
4. Exemplo alemão.. ..	19
5. Exemplo polaco .....	21
6. Outro tipo de exemplos.....	23
Conclusão.....	27
Referências Bibliográficas.....	29

## **Introdução**

Nas últimas décadas a Europa tem enfrentado diversas transformações na sua demografia, marcadas sobretudo pelo envelhecimento da população, pela baixa taxa de natalidade e por fluxos migratórios cada vez mais frequentes e com número de imigrantes significativos. O ‘velho continente’, como é apelidado, enfrenta problemas cada vez mais desafiantes e preocupantes

A imigração enquanto fenómeno surge não apenas como um reflexo das desigualdades globais, mas como um dos fenómenos mais importantes e marcantes da realidade europeia do século XXI. Estes fluxos migratórios emergem tanto como resposta positiva, como negativa, e que se podem revelar profundos no futuro da Europa.

Este projeto analisa investigar a relação entre os movimentos migratórios / problemas demográficos na Europa e as respostas dadas por diversos países europeus para combater alguns dos problemas que parte da sociedade europeia e alguns políticos julgam como fundamentais para a sobrevivência da Europa. Deve-se realçar que, sobre este tempo, para além da análise de dados estatísticos estabelecidos e possíveis de se trabalhar, dos benefícios e desafios colocados pela imigração, bem estudados pela demografia e ciência política, muitas são as abordagens ideológicas e intencionalmente desviantes sobre a realidade dos factos.

Este projeto vai analisar sobretudo como e quais são as dinâmicas sociais, económicas e políticas que moldam este fenómeno da imigração. Pretendo sobretudo compreender como é que os países europeus estão a responder a estes desafios e de que forma a imigração pode ser integrada como parte da solução do futuro da Europa e não apenas um

problema.

Esta versão problemática da imigração tem-se vindo a intensificar com o aparecimento de novas guerras, como a que se encontra ativa na Ucrânia e a exacerbação de conflitos e problemas sociais em outros lugares do mundo, nomeadamente em África, América latina e Médio Oriente. A Europa, mas sobretudo os países da União Europeia, tem sido vista pelos imigrantes como ‘um porto de abrigo’ ou uma oportunidade de recomeçar a vida.

Nos últimos anos, tornou-se evidente que a imigração deixou de ser um problema apenas de fronteiras e segurança e passou a ser um fenómeno que afeta diretamente o futuro das cidades europeias. Com a natalidade em queda e a esperança média de vida a aumentar, muitos países estão a ficar com uma população maioritariamente envelhecida. Isto significa menos pessoas em idade ativa e disponíveis para trabalhar e contribuir para os sistemas de saúde, pensões e serviços públicos, o que coloca uma enorme pressão sobre os estados europeus. (Abreu & Peixoto, 2009)

## **1. O envelhecimento populacional e a baixa natalidade**

Um dos maiores problemas que a Europa enfrenta, como vimos, é o envelhecimento da sua população. A esperança média de vida tem aumentado de forma significativa graças aos avanços na saúde e na qualidade de vida, mas a taxa de natalidade não acompanha esse crescimento. Em vários países europeus, o número médio de filhos por mulher está muito abaixo do necessário para renovar as gerações (2,1 filhos por mulher), fazendo com que em todos os países da UE a taxa de fertilidade se encontre abaixo da taxa de substituição. (Population Reference Bureau, 2024).

Este fenómeno traduz-se em sociedades cada vez mais envelhecidas, com consequências profundas. A nível económico, existe um número cada vez menor de pessoas em idade ativa para sustentar os sistemas de pensões, saúde e segurança social (Trading Economics, 2025). A nível social, este envelhecimento traz desafios de inclusão, cuidados a idosos e redefinição do papel das famílias. E a nível político, obriga os governos a repensar as suas estratégias de sustentabilidade e de gestão de recursos humanos (Euractiv, 2024).

Assim, importa analisar os fluxos migratórios como uma resposta à situação demográfica e económica atual. A entrada de novos migrantes tem funcionado como um mecanismo crucial para compensar o défice de mão de obra jovem e ativa na Europa, contribuindo decisivamente para a sustentabilidade dos sistemas de segurança social e para o dinamismo económico. Para além da sua inegável dimensão económica, a imigração é também um motor de diversidade cultural, inovação e renovação social. Cidades que recebem e integram imigrantes tornam-se espaços mais dinâmicos e multiculturalmente ricos (World Economic Forum, 2017). Contudo, este fenómeno não é consensual. Diversos autores têm destacado os possíveis efeitos negativos da imigração, especialmente quando esta está ligada a fluxos de refugiados ou ocorre em contextos económicos adversos. Por exemplo: (Andersson, Eriksson e Scocco,

2019) mostram que a chegada de refugiados à União Europeia pode levar a um aumento dos empregos de baixos salários, sobretudo em países do Sul da Europa e em regiões com mercados de trabalho menos robustos. De forma semelhante, (Isaksen, 2019) aponta que períodos de crise económica tendem a intensificar percepções negativas sobre a imigração, associadas à competição no mercado de trabalho e ao receio de sobrecarga dos sistemas de proteção social. Estes estudos sugerem que, embora a imigração possa contribuir para o desenvolvimento económico e social, os seus impactos variam consideravelmente consoante os contextos políticos, institucionais e económicos.

Vejamos os impactos dos conflitos recentes: A guerra na Ucrânia é um exemplo recente de como os fluxos migratórios se intensificam em momentos de crise. Milhões de pessoas deslocaram-se em busca de segurança e de novas oportunidades, encontrando na União Europeia um ‘porto de abrigo’ (Comissão Europeia 2025). A resposta europeia, neste caso, foi relativamente rápida, com a implementação de políticas de acolhimento e apoio humanitário. Contudo, nem sempre a Europa conseguiu reagir de forma unida. A chamada ‘crise dos refugiados’, em 2015, resultante sobretudo da guerra na Síria, revelou divisões profundas entre os países membros, uns mais abertos ao acolhimento, outros mais resistentes (Parlamento Europeu 2025). Estes exemplos demonstram que os fluxos migratórios não são apenas fenómenos sociais, mas também questões políticas que podem afetar a coesão interna da União Europeia.

Desta forma, a integração é um desafio e uma oportunidade. É um dos pontos essenciais deste debate. A imigração só pode ser entendida como solução se os migrantes forem incluídos de forma efetiva na sociedade de acolhimento. Isto implica acesso ao mercado de trabalho, educação, saúde e participação cívica. Ao mesmo tempo, exige esforços de ambas as partes: tanto dos países europeus, que devem criar condições e políticas de inclusão, como dos próprios imigrantes, que precisam de se adaptar a novas realidades culturais. Quando bem gerida, a imigração pode ser uma oportunidade para rejuvenescer a população europeia, dinamizar a economia e reforçar os valores de solidariedade e diversidade cultural. Quando mal gerida, pode gerar guetos sociais, exclusão e conflitos. (Entorf, 2020)

## **1.1 Contexto Demográfico Atual**

Segundo o Eurostat, a percentagem de pessoas com 65 anos ou mais aumentou de 16,2% para 21,3% entre 2003 e 2023, e as pessoas com 80 ou mais anos passaram de 3,7% para 6,0% nesse mesmo período. O valor mediano da idade subiu de 39 anos (2003) para 44,5 anos em 2023, sendo ainda mais elevado em países como Espanha, Itália e Portugal. (Eurostat 2024)

O rácio de dependência dos idosos (relação entre população idosa e população em idade ativa) também cresce de forma preocupante: no conjunto dos países OECD, o indicador passou de 19 % em 1980 para cerca de 31 % em 2023, prevendo-se que atinja 52 % em 2060 e ultrapasse os 75 % em países como Itália, Espanha, Polónia ou Coreia. (OCDE 2025)

A taxa de fertilidade total (TFR) na União Europeia é muito inferior ao nível de substituição (2,1 filhos por mulher). Está em torno de 1,5, com países como Itália e Espanha a atingirem valores entre 1,2 e 1,3. Em 2023 o registo de nascimentos na UE caiu para apenas 3 665 000, o valor mais baixo desde que há registos, com uma queda de 5,5 % em relação a 2022. A baixa natalidade, somada ao envelhecimento, implica que uma proporção cada vez maior da população seja dependente economicamente, sustentada por um número reduzido de ativos (European Commission, 2025).

## **2. Consequências Económicas e Sociais**

O rácio de suporte (*workers per retiree*) na UE situa-se atualmente em torno de 3,5 trabalhadores por reformado. Projeções (Comissão Europeia, 2025) indicam que, até 2050, este valor pode cair para apenas 1,8. Tal cenário coloca uma pressão esmagadora sobre os sistemas de segurança social, levando a pensões mais reduzidas ou contribuições mais elevadas (European Commission, 2025).

Além disso, o envelhecimento aumenta a procura por cuidados de saúde de longa duração. Um relatório da OECD (*Health at a Glance*, 2023) mostra que a percentagem da população com 65 ou mais anos aumentou de menos de 9 % em 1960, para 18 % em 2021; projeta-se que chegue a 27 % em 2050. Nos países como Portugal, Grécia, Itália e Coreia, mais de um terço da população terá 65 ou mais anos. (OCDE 2023)

### **2.1. Redução de Crescimento Económico**

O envelhecimento reduz a força de trabalho, impactando a produtividade e, por conseguinte, o crescimento económico. A OECD alerta que, sem políticas eficazes para atrair mais mulheres, trabalhadores mais velhos, e migrantes para o mercado de trabalho, o crescimento per capita pode cair de 1 % para apenas 0,6 % ao ano até 2060. (OECD 2025)

O *Wall Street Journal* (2023) destaca uma estagnação económica na Europa nas últimas décadas, agravada por custos altos de vida, energia cara e relutância política em avançar com reformas estruturais. Tudo isto contribui para uma perda gradual da competitividade global do continente, como se verifica por exemplo no caso francês. (IMF, 2023)

## **3. Migrações: Elemento Central na Resposta Europeia à Crise Demográfica**

As migrações têm, de facto, o potencial de aumentar o número de pessoas em idade ativa na União Europeia, aliviando parcialmente a pressão demográfica. No entanto, mesmo em cenários com fluxos migratórios elevados, o envelhecimento populacional permanece uma tendência estrutural e difícil de inverter. Projeções recentes indicam que, em 2060, cerca de 29 % da população da UE terá 65 ou mais anos, mesmo considerando imigração significativa

(Comissão Europeia 2018). Este cenário reflete a conjugação de fatores como o declínio das taxas de natalidade e o aumento da esperança de vida, que têm vindo a alterar profundamente a estrutura etária europeia. O rácio de dependência de idosos, isto é, a proporção de pessoas em idade avançada em relação à população ativa, deverá aumentar de forma expressiva, colocando pressões acrescidas sobre os sistemas de proteção social, a sustentabilidade orçamental e os mercados de trabalho (Comissão Europeia 2018; OECD, 2025). Assim, a migração não pode ser entendida como uma solução isolada, mas como um contributo relevante que só se concretiza quando articulado com políticas de integração eficazes. Estas políticas devem centrar-se no reconhecimento das qualificações dos migrantes, na promoção da igualdade de oportunidades no mercado de trabalho e no acesso equitativo a serviços como educação, saúde e habitação. A integração plena implica também a criação de condições sociais e institucionais que favoreçam a coesão comunitária e a participação cívica, de modo a transformar a imigração numa força motriz de rejuvenescimento demográfico, dinamização económica e fortalecimento dos valores de solidariedade e diversidade cultural na Europa. Em suma, a imigração representa uma parte importante de uma estratégia mais abrangente, que requer reformas estruturais nas áreas do emprego, da educação, da proteção social e da política demográfica para garantir sociedades mais equilibradas e resilientes.

### **3.1. Políticas de Integração da UE**

A União Europeia reconhece a migração como potencial resposta ao envelhecimento e incorporou esse entendimento nas suas políticas: o Plano de Ação para Integração e Inclusão (2021–2027) propõe medidas concretas nos domínios da educação, mercado de trabalho, habitação e saúde, com apoio financeiro europeu. O Pacto sobre Migração e Asilo, de 2024, inclui também orientações sobre o reconhecimento de qualificações e a integração. O Centro de Conhecimento sobre Migração e Demografia (KCMD) e o *Atlas of Demography* (do JRC) auxiliam governos regionais a planear políticas adaptadas às realidades locais.

O Parlamento Europeu insiste na integração demográfica em todas as políticas, salientando a inversão da pirâmide populacional, o declínio da população ativa e a necessidade de coesão social e territorial. (Parlamento Europeu 2021)

### **3.2 As Migrações como Parte de uma Solução**

A migração, se bem gerida, pode ser um vetor de dinamismo económico e social — preenchendo lacunas de mão de obra, rejuvenesce a sociedade e introduz diversidade. Contudo, como assinalou um ex-comissário europeu (Ylva Johansson, 2024): “Se não formos capazes de integrar os migrantes, teremos um enorme problema social... é claro que não podemos ter sociedades paralelas.”

O capítulo (*Facing the Challenges of an Ageing Society*) do artigo escrito por (Kendig & Cannon, 2009) aborda de forma abrangente os impactos sociais, económicos e políticos do envelhecimento demográfico na Austrália, mas os seus argumentos são altamente pertinentes

para contextos europeus com tendências demográficas similares. Os autores destacam que o aumento do número de pessoas idosas não se traduz apenas numa pressão sobre os sistemas de saúde e pensões, mas implica uma necessidade urgente de repensar as políticas de emprego, a estrutura do mercado laboral e as formas de suporte social. Um ponto central é que, para manter níveis aceitáveis de produtividade e bem-estar, é crucial implementar a participação de pessoas mais velhas no mercado de trabalho, promover ambientes de trabalho flexíveis e investir em formação contínua para adaptar competências às exigências de uma economia em mudança.

### **3.3 Exemplo de países europeus:**

A Alemanha é um dos países europeus que mais tem recorrido à imigração como forma de compensar o envelhecimento da população. A crise de refugiados de 2015 é um exemplo claro: o país recebeu mais de 1 milhão de refugiados sírios e de outras regiões. E isso teve impacto positivo: segundo o *Bundesamt für Migration und Flüchtlinge* (BAMF), a integração no mercado de trabalho tem sido gradual, mas consistente. Em 2022, cerca de 50% dos refugiados estavam empregados após cinco anos de chegada, sobretudo em setores com falta de mão de obra (construção, saúde, logística).

Mas há desafios: apesar de progressos, existem dificuldades na integração linguística e no combate à exclusão social. Algumas regiões do leste alemão, menos habituadas à diversidade, têm registado resistências políticas (ascensão da extrema-direita). No leste da Alemanha, persistem dificuldades marcadas na integração de migrantes, nomeadamente linguísticas, educativas e culturais. Um estudo realizado em escolas vocacionais no estado da Saxónia evidencia que jovens refugiados enfrentam barreiras significativas mesmo após intensivos programas de aprendizagem da língua alemã, e que a perceção da eficácia da integração varia muito entre professores, autoridades escolares e os próprios estudantes. (Ajai Bailey 2019)

Estudos como este destacam problemas estruturais como longas distâncias entre residências de acolhimento de refugiados e escolas, incertezas relativas a permissões de residência ou de trabalho, o que limita gravemente as oportunidades de normalização social e profissional que muitos migrantes procuram (Ajai Bailey, 2019).

A Alemanha demonstra que a imigração pode realmente fazer parte da solução para os desafios demográficos, mas para isso são necessárias políticas robustas de integração e um combate consistente à xenofobia. Por exemplo, o relatório de integração do governo alemão (Federal Government's 14th Integration Report, 2024) evidencia progressos significativos, como um número recorde de naturalizações, melhorias no mercado de trabalho para pessoas com origens migrantes, e uma reforma recente na lei da cidadania que permite prazos mais curtos e múltipla cidadania. Contudo, continua a haver uma lacuna clara: estruturas institucionais e autoritárias que ainda não se adaptaram plenamente a uma sociedade diversa, especialmente no sector da educação, onde a desigualdade no acesso persiste (Comissão Europeia, 2025).

Paralelamente, há evidências de que atitudes xenófobas regionais limitam fortemente a capacidade de algumas áreas de atrair trabalhadores qualificados estrangeiros, o que pode

agravar o descompasso entre oferta e procura laboral. Um estudo do IAB indica que regiões alemãs com atitudes mais xenófobas enfrentam desvantagens competitivas no mercado laboral, pois estrangeiros hesitam em residir aí, e empresas têm dificuldades em recrutar. (Buch e Burkert, 2025) Também se encontrou que situações de violência xenófoba reduzem o bem-estar dos migrantes, aumentam a intenção de retorno e prejudicam o investimento destas pessoas na aprendizagem da língua alemã, elementos todos fundamentais para a integração plena. (Steinhardt e Max , 2018)

Os países nórdicos (Suécia, Noruega, Dinamarca, Finlândia) são frequentemente citados como exemplos de sociedades que valorizam políticas sociais robustas. Assim, na Suécia, desde os anos 1970, acolhe um número significativo de refugiados (de origem chilena, síria, iraquiana). Hoje, cerca de 20% da população sueca nasceu fora do país. O Estado oferece apoio linguístico, habitação e acesso rápido ao mercado de trabalho (Sweden Statistics,2024).

A Suécia ilustra bem como políticas de integração avançadas por si só não garantem a superação automática de problemas estruturais como segregação residencial, desigualdade socioeconómica e criminalidade em bairros periféricos. Em localidades como Estocolmo e Malmö, alguns ‘áreas vulneráveis’ caracterizam-se por elevados índices de população de origem migrante, habitação degradada ou sobrelotada, ofertas de emprego limitadas para jovens, e sensação de insegurança crescente. Estes bairros enfrentam tensões adicionais quando se acumulam discriminação institucional, assistência social inadequada e oportunidades educativas desiguais.

Além disso, o debate público e político sueco tem-se visto marcado por controvérsias sobre até que ponto as políticas sociais estão a corresponder às expectativas de coesão social. Percebe-se uma crescente polarização em torno da criminalidade em bairros periféricos, com partidos populistas a explorarem o ressentimento urbano. A existência de zonas identificadas pelas autoridades como ‘vulneráveis’ levou à proposição de leis e medidas de segurança especiais (como zonas de segurança ou ‘*security zones*’) para lidar com gangues ou crimes violentos, mas alguns observadores alertam que estas soluções, embora possam aliviar sintomas, não resolvem as causas profundas como a segregação espacial, a falta de mobilidade dentro da cidade, ou a percepção de discriminação nos serviços públicos.

Por sua vez, a França é um caso particular: historicamente, recebeu imigrantes vindos das suas antigas colónias (Argélia, Marrocos, Senegal), para depois receber de outros países. O modelo francês assenta numa tradição republicana universalista, que defende que todos os cidadãos devem ser tratados de forma igual, independentemente da sua origem. Verificamos aqui certos pontos positivos: muitos imigrantes e descendentes conseguiram ascender socialmente, tornando-se parte integrante da sociedade francesa (ex.: futebol, artes, política). Mas também se verificam certos problemas: ao mesmo tempo, a França enfrenta dificuldades visíveis em bairros periféricos (*‘banlieues’*), onde há elevados índices de desemprego, exclusão social e fraca mobilidade. Isto originou episódios de tensão, como os protestos violentos em 2005 e 2023 (Euronews, 2025). Estudos demonstram que a desigualdade socioeconómica persistente, a segregação residencial e as dificuldades de reconhecimento de qualificações continuam a

condicionar os percursos de muitos imigrantes e dos seus descendentes; dados do INSEE mostram, por exemplo, taxas de desemprego mais elevadas entre pessoas nascidas fora da Europa e condições de vida e de emprego menos favoráveis do que a média nacional (INSEE, 2023).

A França ilustra bem a complexidade do fenómeno: políticas de igualdade são importantes, mas sem combate eficaz à exclusão social, a imigração pode acentuar desigualdades.

Já o restante sul da Europa (Itália, Espanha e Portugal) enfrenta um dos maiores desafios demográficos, devido à forte redução da natalidade e à saída de jovens para outros países.

Itália: a taxa de fertilidade ronda 1,2 filhos por mulher, uma das mais baixas do mundo. Em 2023, registou o menor número de nascimentos desde a unificação do país no século XIX. Paradoxalmente, é também um dos países mais resistentes à imigração, sobretudo em regiões governadas por partidos nacionalistas. Apesar disso, setores como a agricultura e os cuidados de idosos dependem fortemente de trabalhadores estrangeiros. (Financial Times 2024)

Espanha: apresenta situação semelhante, mas tem adotado políticas mais flexíveis de regularização de imigrantes. Cidades como Madrid e Barcelona tornaram-se centros multiculturais vibrantes, mas ainda assim enfrentam resistência social e política. (Nese 2025)

Portugal: tem uma das populações mais envelhecidas da Europa, com mais de 23% de idosos em 2023. Nos últimos anos, a imigração tem sido fundamental para setores como construção, restauração e tecnologia. O governo português tem promovido programas de atração de talento (ex.: vistos para estudantes e trabalhadores altamente qualificados), (OCDE,2024).

Estes três países mostram um paradoxo: precisam urgentemente de imigrantes para equilibrar a pirâmide etária, mas enfrentam resistência social e política na sua aceitação plena.

Em contrapartida, vários países da Europa Central e de Leste (Hungria, Polónia, Eslováquia) têm adotado uma postura de rejeição quase total da imigração. Na Hungria o governo de Viktor Orbán é um dos mais críticos da imigração, associando-a à perda de identidade cultural e insegurança. Apesar disso, o país também enfrenta declínio populacional e saída de jovens para o estrangeiro. A Polónia, embora tenha resistido à entrada de refugiados do Médio Oriente em 2015, aceitou mais de 3 milhões de ucranianos após a guerra de 2022, mostrando que a perceção da imigração varia conforme a origem cultural e geográfica dos migrantes. No entanto, nos últimos anos, começa a ver-se alguma resistência à presença dos refugiados ucranianos (UNESCO 2023).

Estes exemplos demonstram que, mais do que um fenómeno económico, a imigração é profundamente política e cultural.

#### **4. O Exemplo alemão**

A Alemanha é muitas vezes apontada como um dos melhores exemplos dentro da União Europeia na forma como tem lidado com os problemas do envelhecimento demográfico e com os fluxos migratórios. O país enfrenta há décadas um cenário de natalidade muito baixa e de população cada vez mais envelhecida, o que coloca sérios desafios ao seu futuro económico e social. Ainda assim, conseguiu transformar a imigração numa parte essencial da resposta, mostrando que este fenómeno, quando bem gerido, pode ser visto não como uma ameaça, mas como uma oportunidade.

O problema demográfico na Alemanha é evidente. A taxa de natalidade manteve-se durante anos em torno de 1,3 filhos por mulher, valor muito inferior ao mínimo necessário para renovar gerações, que é de 2,1. Mesmo com uma ligeira subida para cerca de 1,5 nos últimos anos, continua a ser insuficiente. Ao mesmo tempo, mais de um quinto da população já tem 65 ou mais anos, e a idade média ultrapassa os 45 anos, sendo uma das mais elevadas de toda a União Europeia. Estes números significam que, sem uma força de trabalho jovem e ativa, a Alemanha teria dificuldades em sustentar o seu sistema de pensões, de saúde e até em manter o nível de crescimento económico (OCDE, 2024)

O papel da imigração tem sido, por isso, decisivo. Desde os anos 1950, a Alemanha começou a receber trabalhadores estrangeiros, sobretudo vindos da Turquia, de Itália, da Grécia e da antiga Jugoslávia. Estes trabalhadores eram vistos como uma solução temporária para suprir a falta de mão de obra na época do crescimento económico do pós-guerra. No entanto, muitos acabaram por se fixar e criar famílias, tornando-se parte integrante da sociedade alemã. Esse primeiro grande movimento migratório já mostrava que a imigração podia desempenhar um papel essencial na economia alemã (OCDE, 2025).

O momento mais marcante das últimas décadas foi a decisão histórica da chanceler Angela Merkel, em 2015, quando abriu as fronteiras alemãs a mais de um milhão de refugiados vindos da Síria e de outros países em guerra. Esta atitude foi muito discutida dentro e fora da Alemanha, com alguns aplaudindo a coragem humanitária e outros a criticarem os riscos de integração e segurança. (*The Guardian* 2020). Apesar das dificuldades, esta escolha mostrou que a Alemanha estava disposta a assumir responsabilidades não apenas pela sua economia, mas também pelo futuro da União Europeia enquanto espaço de solidariedade.

A integração dos migrantes na Alemanha não foi deixada ao acaso. O país criou programas específicos para facilitar este processo. Um exemplo são os cursos gratuitos de alemão e de cultura cívica, obrigatórios para quem chega, permitindo que os migrantes aprendam a língua e compreendam melhor a sociedade que os recebe. Também foram criados apoios para a inserção laboral, especialmente em setores que sofrem com escassez de trabalhadores, como a construção civil, os transportes, a saúde e os cuidados a idosos. Além disso, a Alemanha alterou a sua legislação para simplificar o reconhecimento de diplomas e qualificações, permitindo que médicos, engenheiros e outros profissionais estrangeiros possam exercer as suas profissões. (*The Guardian*, “How Angela Merkel’s great migrant gamble paid off”, 2020).

Os resultados destas medidas tornaram-se visíveis em poucos anos. Segundo dados do próprio governo alemão, mais de metade dos refugiados chegados em 2015 já estava empregada em 2020. (Euronews 2024). Este número é muito significativo se compararmos com outros países europeus, onde a integração laboral tende a ser mais lenta. É um sinal de que a Alemanha não só acolhe, mas também aposta seriamente em dar condições para que os migrantes se tornem parte da sociedade.

Claro que este processo não é perfeito e há desafios que continuam a marcar a realidade alemã. Existem ainda bairros e comunidades onde a integração é difícil e onde se verificam problemas de exclusão social (Krause e Liebig, 2007). Em algumas regiões do país, sobretudo no Leste, há uma maior resistência à imigração, o que se reflete no crescimento de partidos de extrema-direita que exploram os medos e receios da população em relação aos migrantes (Buch e Burkert, 2025). Também é verdade que muitos imigrantes acabam empregados em trabalhos menos qualificados e com salários mais baixos, mesmo quando possuem formação superior (OECD, 2022). Estes aspetos mostram que, apesar dos progressos, a integração é um processo longo e cheio de obstáculos

Mesmo com estas dificuldades, considera-se a Alemanha como um dos melhores exemplos de integração da União Europeia. Primeiro, porque reconheceu sem receios que precisa da imigração para enfrentar os seus problemas demográficos. Enquanto outros países tentam fechar fronteiras e ignorar a realidade, a Alemanha escolheu encarar de frente o problema e trabalhar soluções. Depois, porque não se limitou a receber migrantes: criou políticas ativas de integração, investiu recursos e procurou assegurar que estas pessoas não ficassem à margem da sociedade. Por último, porque conseguiu transformar essa escolha em resultados práticos, com taxas de empregabilidade e de participação social cada vez mais positivas.

A Alemanha demonstra que a imigração pode mesmo ser uma resposta estratégica ao envelhecimento demográfico. Não é uma solução mágica, pois não resolve todos os problemas nem elimina a necessidade de outras medidas, como políticas de incentivo à natalidade ou reformas nos sistemas de pensões. Mas é uma prova de que, quando bem gerida, a imigração pode revitalizar a economia, renovar a sociedade e até reforçar valores de solidariedade e direitos humanos que são fundamentais para o projeto europeu.

O exemplo alemão também serve para mostrar que o futuro da Europa vai depender muito da forma como cada país encara a imigração. A alternativa seria fechar-se e enfrentar de braços cruzados a queda da natalidade e o envelhecimento acelerado, arriscando-se a uma crise ainda mais profunda. Por isso, a Alemanha, com todos os seus desafios e contradições, continua a ser uma referência importante. Não porque tenha encontrado todas as respostas, mas porque teve a coragem de assumir que a imigração não é apenas inevitável, é também necessária

## **5. Exemplo polaco**

A Polónia é um dos países mais emblemáticos do Leste Europeu no que toca à forma como tem lidado com os problemas demográficos e com os fluxos migratórios. Durante muitos anos, o país foi conhecido por ter uma postura bastante rígida e fechada em relação à imigração, sobretudo vinda de fora da Europa. No entanto, a guerra na Ucrânia veio alterar radicalmente essa situação e mostrou como até países mais conservadores e resistentes podem transformar-se em protagonistas na gestão de grandes movimentos migratórios. Este caso é particularmente relevante porque a Polónia, ao contrário de países da Europa Ocidental, não tinha tradição de acolher estrangeiros em larga escala, mas acabou por se tornar um dos países com mais refugiados em todo o mundo nos últimos anos. A situação atual não é assim tão positiva perante os refugiados ucranianos! (Springer 2024)

Tal como acontece em grande parte da União Europeia, a Polónia enfrenta sérios problemas

demográficos. A taxa de natalidade mantém-se persistentemente baixa, em torno de 1,3 filhos por mulher, muito abaixo do valor necessário para garantir a renovação das gerações. Ao mesmo tempo, a população polaca está a envelhecer de forma acelerada. Segundo dados recentes, cerca de 18% da população já tem mais de 65 anos, e esse valor tem vindo a crescer todos os anos. Além disso, existe ainda um outro fenómeno que agrava a situação: a saída de jovens polacos para trabalhar em países da Europa Ocidental, como o Reino Unido, a Alemanha ou a Irlanda. Desde a adesão à União Europeia, em 2004, centenas de milhares de jovens polacos emigraram em busca de melhores salários e oportunidades, o que significa que o país perdeu grande parte da sua força de trabalho ativa (Intereconomics, 2024). (esta situação já não é tão real atualmente, pois muitos emigrantes polacos, principalmente os que estavam no Reino Unido, regressaram, perante a evidência do crescimento económico da Polónia). (Intellinews 2025)

Este cenário coloca desafios sérios à economia e ao sistema social polaco. Com menos jovens a entrar no mercado de trabalho e mais idosos a depender de pensões e cuidados de saúde, a sustentabilidade a longo prazo fica em risco. É por isso que, tal como em outros países europeus, a imigração poderia ser vista como uma resposta natural a este problema. No entanto, durante muitos anos, a Polónia recusou essa solução. O governo polaco, sobretudo liderado pelo partido Lei e Justiça (PiS), sempre defendeu uma postura rígida contra a imigração vinda do Médio Oriente e de África, recusando acolher refugiados durante a chamada “crise dos refugiados” de 2015 (Narkowicz, 2018).

A mudança de cenário deu-se de forma repentina em 2022, quando a guerra na Ucrânia obrigou milhões de pessoas a fugir das suas casas. A Polónia foi, pela proximidade geográfica, o principal destino dos refugiados. Em poucos meses, o país recebeu mais de dois milhões de ucranianos, um número impressionante tendo em conta a dimensão da sua população. Ao contrário da recusa de 2015, desta vez a resposta foi bastante diferente. O governo e a sociedade polaca abriram portas e mostraram grande solidariedade, oferecendo abrigo, acesso a serviços de saúde, educação para crianças e até apoios financeiros. Muitos polacos receberam famílias ucranianas nas suas próprias casas, e várias cidades organizaram sistemas de transporte e acolhimento de emergência.

Esta mudança de atitude pode ser explicada por vários fatores. Primeiro, existe uma proximidade cultural e histórica entre polacos e ucranianos, que facilitou a aceitação. Ambos os povos partilham tradições semelhantes e uma religião próxima, o que ajudou a reduzir as resistências sociais. Depois, a perceção do conflito foi diferente: enquanto em 2015 os refugiados vinham de países distantes e com culturas muito diferentes, em 2022 eram vizinhos diretos, vítimas de uma guerra que também ameaçava a segurança de toda a região. Finalmente, a dimensão prática também contou: a chegada dos ucranianos ajudou a colmatar a falta de trabalhadores em setores chave da economia polaca, como a agricultura, a construção e os serviços (BPB, 2024). Houve momentos históricos, como na II Guerra Mundial, em que existiram crimes de guerra entre estes dois povos, sendo que os ucranianos, na altura, eram da União Soviética.

Com o passar do tempo, tornou-se claro que muitos destes refugiados não regressariam tão cedo à Ucrânia e começaram a integrar-se mais profundamente na sociedade polaca. Escolas abriram turmas específicas para crianças ucranianas, universidades criaram programas especiais, e muitos refugiados encontraram emprego ou começaram empresas, embora nem sempre nos setores adequados às suas qualificações. Apesar disso, a integração nem sempre é fácil: em zonas rurais, onde há menor densidade populacional de refugiados e menos contacto prévio com estrangeiros, os desafios são mais acentuados, barreiras linguísticas persistem, o reconhecimento de diplomas estrangeiros é frequentemente complicado, e o sentimento de isolamento cultural é maior (UNICEF 2025)

A Polónia é um exemplo que mostra como um país que inicialmente rejeitou a imigração acabou por se adaptar e reconhecer a sua importância em momentos de crise. É verdade que o acolhimento dos ucranianos não significa que a Polónia tenha mudado radicalmente a sua postura em relação a outros fluxos migratórios, vindos de África ou do Médio Oriente, mas ainda assim é uma prova de que a imigração, mesmo quando não é desejada, pode revelar-se inevitável e até benéfica. O facto de tantos ucranianos terem sido integrados rapidamente no mercado de trabalho é a melhor demonstração de que, quando existe necessidade, a imigração se transforma de problema em solução.

A experiência polaca também levanta questões importantes sobre o futuro da União Europeia. Até que ponto os países podem escolher quais os migrantes que aceitam e quais os que rejeitam? Será legítimo acolher apenas aqueles que são mais próximos culturalmente e rejeitar os outros? Ou será necessário criar políticas comuns mais solidárias, que garantam que todos os refugiados, independentemente da sua origem, tenham oportunidades semelhantes? Estas questões mostram como o caso polaco não é apenas um exemplo nacional, mas também um reflexo das tensões dentro da própria União Europeia (Carrera 2020)

Apesar das suas contradições, a Polónia pode ser vista como um outro tipo de exemplo relevante no contexto do leste europeu. Não tanto por ter encontrado todas as soluções, mas porque mostrou que mesmo os países mais resistentes à imigração podem, em determinados contextos, reconhecer o seu valor. O que aconteceu em 2022 provou que a migração pode ter um papel essencial não só para responder a crises humanitárias, mas também para compensar as fragilidades demográficas e económicas de um país. (Nese, 2022)

Concluindo, a Polónia é um caso que ilustra bem a complexidade da relação entre demografia e migração na Europa. Enfrenta os mesmos problemas de baixa natalidade e envelhecimento que os restantes países europeus, mas distingue-se pela forma como lidou com a crise ucraniana. Ao acolher milhões de refugiados, transformou-se de um país fechado e resistente a um dos maiores destinos migratórios da Europa, mostrando que, mesmo com contradições, a imigração pode ser parte da solução.

## 6. Outros exemplos:

### 6.1. Hungria:

Na Hungria vê-se claramente o que acontece quando um país insiste em não mudar. Desde o fim do comunismo, em 1989, que o país tem registado um declínio populacional contínuo. Em 1980, a Hungria atingiu o pico populacional com cerca de 10,7 milhões de habitantes, mas em 2022 o número caiu para pouco mais de 9,6 milhões. A taxa de fertilidade mantém-se persistentemente baixa (1,38 filhos por mulher em 2024) e o envelhecimento populacional agrava-se (KSH, 2025). Apesar deste cenário, o governo húngaro tem optado por políticas fortemente restritivas à imigração. Durante a chamada “crise dos refugiados” de 2015, o executivo liderado por Viktor Orbán ordenou a construção de vedações fronteiriças com a Sérvia e a Croácia e lançou uma campanha política contra a entrada de refugiados, associando a imigração a riscos de segurança e à perda de identidade cultural (Bajomi-Lázár, 2019). A imagem de soldados húngaros impedindo a entrada de pessoas em fuga de conflitos tornou-se um símbolo de uma abordagem fortemente nacionalista e pouco solidária, em contraste com os desafios demográficos que o país enfrenta.

Apesar dos fortes incentivos criados pelo governo húngaro para aumentar a natalidade como o *Family Protection Action Plan*, lançado em 2019, que prevê empréstimos sem juros para casais jovens, isenção fiscal vitalícia para mulheres com quatro ou mais filhos, subsídios para habitação e apoio para compra de veículos familiares, a taxa de fertilidade mantém-se baixa, em torno de 1,4 filhos por mulher, muito abaixo dos 2,1 necessários para a reposição populacional (Hungarian Central Statistical Office KSH, 2024). Além disso, a Hungria tem enfrentado um fluxo migratório negativo: entre 2010 e 2020, cerca de 230.000 pessoas emigraram do país de forma líquida, procurando melhores oportunidades em países como Alemanha, Áustria e Reino Unido (KSH, 2024). Este cenário evidencia que políticas natalistas isoladas não têm revertido a tendência de declínio populacional, enquanto a emigração jovem agrava ainda mais os desafios demográficos. Ou seja, estão a perder população ativa e não estão a ganhar novas pessoas para equilibrar.

O problema na Hungria é grave: em vez de procurar uma solução estrutural para o declínio populacional, o governo tem adotado políticas que recusam a imigração como instrumento de resposta, criando um défice significativo de mão de obra em sectores-chave. Estudos mostram uma escassez crítica de professores (cerca de 16.000 vagas em 2022) e dificuldades em atrair profissionais qualificados, especialmente em áreas rurais. Também o sector da saúde apresenta falta de enfermeiros e médicos, com o envelhecimento do corpo clínico e migração de profissionais para países vizinhos (Szabó, 2021). Em paralelo, a posição do governo húngaro sobre imigração tem sido alvo de críticas da União Europeia, sendo vista como uma política de bloqueio a mecanismos comuns de solidariedade e redistribuição de refugiados (Bajomi-Lázár, 2019). Estas dinâmicas reforçam a imagem da Hungria como um país fechado, que enfrenta problemas estruturais de mão de obra e envelhecimento, mas insiste em políticas restritivas de imigração. A Hungria até já foi levada ao Tribunal de Justiça da UE por não cumprir quotas de acolhimento de refugiados. É um exemplo claro de como fechar fronteiras

sem pensar no futuro pode sair muito caro. Mesmo a curto prazo já se nota: menos trabalhadores significa menos impostos e menos gente a pagar para as pensões. A longo prazo, significa um país envelhecido, menos inovador, menos competitivo. O facto de nem toda a gente na Hungria queira uma imigração massiva, ela não pode de deixar de ter um mínimo de abertura à imigração, para não deixar o país definhar..

## 6.2. Itália

Na Itália o cenário é um pouco diferente, mas também não é bom. A Itália não fecha as portas da mesma forma que a Hungria, até porque é um país de entrada natural para quem vem do Mediterrâneo. Todos os anos chegam milhares de pessoas em barcos, muitas delas a fugir de guerras ou da pobreza em África e no Médio Oriente. Em 2023, por exemplo, chegaram mais de 150 mil pessoas pelo mar. Só em Lampedusa, uma pequena ilha italiana, desembarcaram 7 mil pessoas num só dia em setembro de 2023. O problema é o que acontece depois. Apesar de ter uma população muito envelhecida e de precisar de gente nova, a Itália não tem conseguido integrar bem estas pessoas. Deve-se entender a razão dessa incapacidade, dado o caso específico da massa de pessoas que chega às suas fronteiras, onde há dificuldade de gerir esse acesso. (Passalacqua & Grossio, 2023; Peroni, 2025).

Grande parte dos imigrantes acaba em trabalhos precários, mal pagos, na agricultura, nas limpezas ou na restauração, muitas vezes sem contrato nem direitos. Existem bairros nas grandes cidades, como em Roma, Milão ou Nápoles, onde se criam guetos porque não há apoio suficiente para que os imigrantes consigam aprender italiano, arranjar empregos melhores ou participar na vida cívica. Ao mesmo tempo, a perceção que os italianos têm é muito distorcida: pensam que há mais do dobro de estrangeiros do que realmente existe. Esse medo exagerado é alimentado por certos políticos e meios de comunicação que falam em ‘invasões’ e ‘islamização’, quando, na verdade, os números são bem mais baixos. (Nese, 2022).

Isto cria um ambiente difícil, em que as pessoas que chegam são vistas como um problema em vez de uma solução. E, como consequência, não se tira partido da energia e do trabalho que essas pessoas poderiam dar ao país. A Itália precisa de jovens para sustentar as pensões, para cuidar dos idosos e para dinamizar a economia, mas em vez de usar a imigração como uma oportunidade, continua presa a discursos de medo e a políticas de emergência. Itália apresenta-se como um mau exemplo, apesar de diferente da Hungria: aqui não se trata tanto de fechar portas, mas de não saber aproveitar quem chega. A realidade italiana e grega na Europa não se pode comparar à de outros países, devido à sua situação geográfica, umas ilhas próximas de África, e, a outra, próxima da Turquia e das guerras do Médio oriente. É quase como se deixassem entrar, mas depois não dessem as ferramentas para essas pessoas se tornarem parte da sociedade.

Muitos imigrantes até aprendem a língua e querem trabalhar, mas não há um plano nacional claro para os integrar, e isso faz com que muitos acabem por sair para outros países do norte da Europa onde têm mais apoio. Além disso, há um enorme contraste entre regiões: o norte

industrial precisa desesperadamente de trabalhadores, mas o sul pobre vê a imigração mais como um fardo. (Peroni 2025) A instabilidade política em Itália também não ajuda: mudam-se governos e ministros do Interior com frequência, e cada um tem uma abordagem diferente. (nos últimos anos governa um partido de extrema direita) Resultado: políticas contraditórias, muito improvisado e poucos resultados a sério.

No fim, tanto a Hungria como a Itália mostram que não basta abrir ou fechar fronteiras. Se um país se fecha completamente, como a Hungria, perde uma oportunidade de equilibrar o seu envelhecimento e ainda cria uma imagem negativa na Europa. Se um país recebe muita gente (Bajomi-Lázár, 2019). mas não integra, como a Itália, cria tensões internas e desperdiça a chance de se renovar. São dois exemplos de políticas que não funcionam bem. A Europa precisa de aprender com estes casos para não repetir erros: nem vale a pena pensar que se consegue resolver só com incentivos à natalidade, nem pensar que basta deixar entrar pessoas sem ter programas sérios de integração. O futuro dos países depende mesmo de como lidam com estas questões. A forma como tratam os migrantes hoje vai definir se daqui a 20 ou 30 anos vão ter economias fortes, sociedades equilibradas e serviços públicos sustentáveis, ou se vão continuar a envelhecer e a perder população ativa. E isto é um assunto que toca a todos, mesmo a nós que estamos a estudar agora, porque seremos nós a viver nesse futuro. Quando se olha para países como a Alemanha e a Polónia, que apesar das dificuldades conseguiram usar a imigração para equilibrar problemas demográficos, e se compara com a Hungria e a Itália, vê-se logo que há várias formas de agir e que nem todas funcionam. Estes quatro exemplos mostram bem o que é fazer políticas com visão de futuro e o que é deixar o problema arrastar-se.

O que conta é a maneira como se planeia e se integra. A Alemanha e a Polónia mostram que, com organização, apoio linguístico, acesso rápido ao trabalho e programas de integração, a imigração pode ser parte da solução para a natalidade baixa e para o envelhecimento. Hungria e Itália mostram que políticas mal desenhadas.... Seja por excesso de medo, seja por improvisado, transformam a imigração num problema em vez de num benefício. E isto não é só uma questão de moral, é uma questão de qualidade de vida para todos: sem trabalhadores novos, os sistemas de saúde, as escolas e as pensões vão ter cada vez mais dificuldade em funcionar.

O que cada um destes países podia melhorar? A Alemanha podia continuar a apostar na integração a longo prazo e não só no imediato, garantindo que quem chega não fica apenas em empregos de baixa qualificação, mas tem oportunidades de formação e carreira. A Polónia precisa de pensar no futuro: os ucranianos podem não ficar para sempre, por isso é importante criar políticas estáveis para atrair e reter pessoas de outros países e também para inverter a sua própria emigração de jovens. A Hungria tem de mudar radicalmente a postura: precisa de aceitar que sozinha não vai conseguir rejuvenescer a população e que a imigração, bem gerida, pode ser uma mais-valia. Não basta dar subsídios às famílias, é preciso também abrir-se ao exterior. Já a Itália devia investir muito mais em programas de integração, ensino da língua, habitação e combate à precariedade para que os imigrantes que chegam possam mesmo contribuir para o país e não acabar em situações de exploração.

Se estes quatro países, que são apenas alguns exemplos dentro da União Europeia, conseguirem melhorar nestes aspetos, toda a União Europeia sai beneficiada. Mais integração bem-sucedida significa menos desigualdades regionais, menos tensão política, economias mais dinâmicas e sistemas sociais mais sustentáveis. Para nós, cidadãos, isso traduz-se em melhor qualidade de vida: melhores serviços públicos, mais inovação, mais diversidade cultural e mais oportunidades de trabalho. No fundo, tudo isto mostra que a imigração não é um bicho-papão, mas uma ferramenta que, bem usada, ajuda a Europa a enfrentar um dos maiores desafios do século XXI. (Kancs & Lecca, 2018).

## **Conclusão**

A imigração deve ser encarada não como um desafio, mas como uma oportunidade estratégica para a Europa. Hoje é evidente que os problemas demográficos não se resolvem apenas com políticas tradicionais. Países com natalidade baixa e envelhecimento populacional precisam de soluções que combinem integração de migrantes, inovação tecnológica e apoio à natalidade. Para isso são fundamentais três pilares que se reforçam mutuamente.

O primeiro é o desenvolvimento de políticas de integração fortes e inclusivas. A União Europeia já prevê programas para integrar migrantes, mas a aplicação concreta varia muito de país para país. Em alguns casos, como a Alemanha, existem cursos de língua, formação profissional e acesso facilitado ao mercado de trabalho, o que ajuda os migrantes a contribuir de imediato. Em outros, como a Itália, a integração é insuficiente e muitas pessoas acabam em empregos precários. Para que a imigração seja estratégica, cada país precisa garantir que quem chega consegue não só sobreviver, mas participar ativamente na economia e na vida cívica. Isso inclui educação, saúde, habitação e combate à discriminação, com planeamento a longo prazo. O segundo envolve investimento em inovação, produtividade e adaptação tecnológica. Países como a Coreia do Sul mostram que é possível enfrentar o declínio populacional usando automação e modernização da economia para aumentar a produtividade. A Europa deve seguir esse caminho, combinando chegada de migrantes com políticas de modernização industrial, educação tecnológica e reconhecimento de diplomas estrangeiros para aproveitar também os talentos qualificados. O terceiro pilar é a implementação de políticas estruturais de apoio à natalidade e ao equilíbrio trabalho-vida. Incentivos financeiros por si só não resolvem: as famílias precisam de habitação acessível, creches, educação de qualidade, horários flexíveis e licenças parentais. Países que combinam incentivos com políticas sociais estruturadas conseguem taxas de natalidade mais altas e uma população mais equilibrada. Migrantes ajudam a colmatar a falta de jovens, mas é necessário criar condições para que as famílias locais cresçam. Além destes três pilares, é importante que a União Europeia adote uma visão integrada e coordenada. Os fluxos migratórios e os problemas demográficos não respeitam

fronteiras; uma política comum que combine integração, inovação e apoio à natalidade beneficiaria todos os países. Isso significa investir em programas transnacionais de formação e mobilidade laboral e partilhar responsabilidades de acolhimento. Estas ações não são apenas uma questão económica ou política: são uma questão de qualidade de vida. Quando os países conseguem integrar migrantes de forma eficaz e combinar inovação com apoio às famílias, a sociedade beneficia de mais diversidade, energia jovem, inovação e estabilidade económica. Os serviços públicos funcionam melhor, as pensões são sustentáveis e há menos tensão social. Criar uma sociedade inclusiva fortalece os valores europeus de solidariedade e contribui para a coesão social.

Em resumo, a imigração só será eficaz se for parte de uma estratégia ampla que inclua integração, modernização e apoio às famílias. Sem estas ações coordenadas, o envelhecimento populacional continuará a pressionar a economia e a sociedade, mesmo que o número de migrantes aumente. Com políticas bem definidas, a União Europeia pode transformar um desafio num futuro mais justo, dinâmico e sustentável para todos os seus cidadãos.

## Referências Bibliográficas

*The Guardian – How Angela Merkel’s great migrant gamble paid off*  
Oltermann, P. (2020, 30 de agosto). *How Angela Merkel’s great migrant gamble paid off. The Guardian.* <https://www.theguardian.com/world/2020/aug/30/angela-merkel-great-migrant-gamble-paid-off>

*Euronews. (2023, 10 de julho). Motins em França: quais as diferenças entre a violência de 2023 e a de 2005? Euronews (pt).* <https://pt.euronews.com/2023/07/10/motins-em-franca-quais-as-diferencas-entre-a-violencia-de-2023-e-a-de-2005>

*Reuters – German town hoped migration could turn its fortunes around it was no panacea*  
Reuters. (2025, 31 de agosto). *German town hoped migration could turn its fortunes around it was no panacea* <https://www.reuters.com/world/europe/german-town-hoped-migration-could-turn-its-fortunes-around-it-was-no-panacea-2025-08-31/>

*UNHCR Refugees generated a stunning 2.7 percent of Poland’s GDP*  
UN High Commissioner for Refugees. (2024). *Refugees generated a stunning 2.7 percent of Poland’s GDP, study shows.* <https://www.unhcr.org/europe/news/press-releases/refugees-generated-stunning-2-7-percent-poland-s-gdp-2024-study-shows>

*Euronews – War in Ukraine: which European countries host the most refugees?*  
Euronews. (2023, 20 de setembro). *War in Ukraine: which European countries host the most refugees? Euronews.* <https://www.euronews.com/2023/09/20/war-in-ukraine-which-european-countries-host-the-most-refugees>

*Notes from Poland – Over 1.3 million Ukrainian refugees remain in Poland, one year since Russia's invasion*

*Notes from Poland.* (2023, 23 de fevereiro). *Over 1.3 million Ukrainian refugees remain in Poland, one year since Russia's invasion.* <https://notesfrompoland.com/2023/02/23/over-1-3-million-ukrainian-refugees-remain-in-poland-one-year-since-russias-invasion/>

*Reuters – Ukrainians keep propping up Poland's labour market, Fitch says*

*Reuters.* (2025, 19 de agosto). *Ukrainians keep propping up Poland's labour market, Fitch says.* <https://www.reuters.com/world/ukrainians-keep-propping-up-polands-labour-market-fitch-says-2025-08-19/>

*AP News – Poland: Ukrainians affect presidential election*

*AP News.* (s.d.). *Poland: Ukrainians affect presidential election.* <https://apnews.com/article/poland-ukrainians-presidential-election-4982cc03f7b5a88c8e21cc340087e7e8>

*The Guardian – Comment piece from 2001 (The Observer)*

*The Guardian.* (2001, 29 de julho). *The Observer.* Antonio Polito <https://www.theguardian.com/world/2001/jul/29/comment.theobserver>

*Germanpages.Does Europe need immigration?*

*Germanpages.de(s.d.). Does Europe need immigration?* <https://germanpages.de/index.php/economy/does-europe-need-immigration>

*Comissão Europeia ,Migrant Integration Hub*

*European Commission.* (s.d.). *Migrant Integration Hub.* [https://home-affairs.ec.europa.eu/policies/migration-and-asylum/migrant-integration/migrant-integration-hub\\_en](https://home-affairs.ec.europa.eu/policies/migration-and-asylum/migrant-integration/migrant-integration-hub_en)

*DW – Five years on: how Germany's refugee policy has fared*

*Deutsche Welle.* (s.d.). *Five years on: how Germany's refugee policy has fared.* *DW.* <https://www.dw.com/en/five-years-on-how-germanys-refugee-policy-has-fared/a-54660166>

*bpb – Ukrainian migrants in Poland*

*Bundeszentrale für politische Bildung.* (s.d.). *Ukrainian migrants in Poland.* <https://www.bpb.de/themen/migration-integration/regionalprofile/english-version-country-profiles/545413/ukrainian-migrants-in-poland/>

*Lee, A. C. K. (2023). Ukraine refugee crisis: evolving needs and challenges. Public Health, 227, 115–123. https://doi.org/10.1016/j.puhe.2023.06.001*

*Schrooten, M. (2025). Navigating displacement: The Ukrainian refugee crisis in European solidarity. Global Networks, 25(2), 150–165. https://doi.org/10.1111/glob.70006*

Olumba, E. E. (2025). *From students to refugees: African students displaced by the Russian invasion of Ukraine*. *Journal of Refugee Studies*, 38(4), 789–805. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2025.2519424>

Pepinsky, T. B. (2024). *The Ukrainian refugee crisis and the politics of public opinion: Evidence from Hungary*. *Perspectives on Politics*, 22(4), 989–1014. <https://doi.org/10.1017/S1537592724000410>

Trojaneck, R. (2022). *Short-run impact of the Ukrainian refugee crisis on the housing market in Poland*. *Regional Science and Urban Economics*, 95, 103–117. <https://doi.org/10.1016/j.regsciurbeco.2022.103117>

Kapelner, Z. (2024). *Anti-immigrant backlash: The Democratic Dilemma for Welcoming Refugees*. *Comparative Migration Studies*, 12, Article 370. <https://doi.org/10.1186/s40878-024-00370-7>

Abreu, A., & Peixoto, J. (2009). *Demografia, mercado de trabalho e imigração de substituição: tendências, políticas e prospectiva no caso português*. *Análise Social*, 44(191), 409-435. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2009193.04>

World Economic Forum. (2017). *Migration and its impact on cities*. [http://www3.weforum.org/docs/Migration\\_Impact\\_Cities\\_report\\_2017\\_low.pdf](http://www3.weforum.org/docs/Migration_Impact_Cities_report_2017_low.pdf)

Andersson, L. F., Eriksson, R., & Scocco, S. (2019). *Refugee immigration and the growth of low-wage work in the EU15*. *Comparative Migration Studies*, 7, 39. <https://doi.org/10.1186/s40878-019-0145-3>

Isaksen, J. V. (2019). *The impact of the financial crisis on European attitudes toward immigration*. *Comparative Migration Studies*, 7, 24. <https://doi.org/10.1186/s40878-019-0127-5>

Entorf, H. (2020). *Migrants and educational achievement gaps*. *IZA World of Labor*. <https://doi.org/10.15185/izawol.74>

Eurostat. (2024). *Population structure and ageing*. *Eurostat Statistics Explained* [https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Population\\_structure\\_and\\_ageing](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Population_structure_and_ageing)

Organisation for Economic Co-operation and Development. (2025). *Employment Outlook 2025: Setting the scene: Demographic change, economic growth and intergenerational inequalities*. OECD Publishing. Disponível em [https://www.oecd.org/en/publications/oecd-employment-outlook-2025\\_194a947b-en/full-report/component-6.html](https://www.oecd.org/en/publications/oecd-employment-outlook-2025_194a947b-en/full-report/component-6.html)

Organisation for Economic Co-operation and Development. (2023). *Health at a Glance 2023: OECD Indicators*. OECD Publishing. [https://doi.org/10.1787/health\\_glance-2023-10-en](https://doi.org/10.1787/health_glance-2023-10-en)

Organisation for Economic Co-operation and Development. (2025). *Employment Outlook 2025: Setting the scene: Demographic change, economic growth and intergenerational inequalities*. [https://www.oecd.org/en/publications/2025/07/oecd-employment-outlook-2025\\_5345f034.html](https://www.oecd.org/en/publications/2025/07/oecd-employment-outlook-2025_5345f034.html)

International Monetary Fund. (2023). *Spending efficiency and reforms: France*. IMF Country Report. <https://www.elibrary.imf.org/view/journals/018/2023/014/article-A001-en.xml>

Parlamento Europeu. (2021). *Report on an old continent growing older – possibilities and challenges related to ageing policy post-2020 (INI A9-0194/2021)*. [https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/A-9-2021-0194\\_EN.html?](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/A-9-2021-0194_EN.html?)

Kendig, H., & Cannon, L. (Eds.). (2009). *Facing the challenges of an ageing society*. In *Population Ageing and Australia's Future* (pp. 141-162). ANU Press. [jstor.org/stable/j.ctt1rqc955.11](https://www.jstor.org/stable/j.ctt1rqc955.11)

Baginski, J., Behrens, U., Jäkel, F., & Salikutluk, Z. (2019). *Integration of young refugees in vocational schools in Saxony: Perceptions, problems, and perspectives*. In R. Crul, P. Meinhof, & F. P. Scholten (Eds.), *Coming of age in migration: Integration contexts and the educational success of immigrant youth* (pp. 163–182). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-25666-1\\_9](https://doi.org/10.1007/978-3-030-25666-1_9)

European Commission. (2024, 10 dezembro). *Germany: Integration progress and challenges and record naturalisation numbers*. Directorate-General for Migration and Home Affairs. [https://home-affairs.ec.europa.eu/news/germany-integration-progress-and-challenges-and-record-naturalisation-numbers-2024-12-10\\_en](https://home-affairs.ec.europa.eu/news/germany-integration-progress-and-challenges-and-record-naturalisation-numbers-2024-12-10_en)

Buch, T., & Burkert, C. (2025, 28 de maio). *“Xenophobia in Germany’s regions limits the immigration of skilled workers.”* IAB-Forum. Institute for Employment Research. <https://iab-forum.de/en/xenophobia-in-germanys-regions-limits-the-immigration-of-skilled-workers/>

Steinhardt, M. F. (2022). *The impact of xenophobic violence on the integration of immigrants (IZA Discussion Paper No. 11781)*. Free University of Berlin. <https://ideas.repec.org/p/iza/izadps/dp11781.html?>

INSEE. (2023). *Immigrants – especially those of non-European origins – suffer from a less favourable situation on the labour market (statistical brief)*. INSEE. <https://www.insee.fr/en/statistiques/7342924>

Financial Times. (2024, 29 de março). *Italy’s births drop to historic low*. Financial Times. <https://www.ft.com/content/ad9c108f-32a6-4cb1-8394-fbad78864f4c>

Bazurli, R., & De Graauw, E. (2023). *Building Inclusive Cities for and from Undocumented Migrants? The Experiences of Madrid and Barcelona Under the Commons' Municipalist Governments* (2015-2019). [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-97-7521-7\\_31?](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-97-7521-7_31?)

UNESCO. (2023). *Poland's education responses to the influx of Ukrainian refugees*. UNESCO. <https://www.unesco.org/en/articles/polands-education-responses-influx-ukrainian-students>

Euronews. (2024, 1 de maio). *Majority of Germany's open-door refugees have entered the labour force*. Euronews. <https://www.euronews.com/business/2024/05/01/majority-of-germanys-open-door-refugees-have-entered-the-labour-force?>

*Settlement Intentions of Ukrainian Pre-War and Forced Migrants in Poland: Challenges for Migrant Integration Policy at the Local Level*. *Journal of International Migration and Integration* (2024). <https://link.springer.com/article/10.1007/s12134-024-01211-3?>

bne IntelliNews. (2025, 6 de junho). *Poland's fertility rate sinks to just below 1.1 in 2024, a new historic low*. <https://www.intellinews.com/poland-s-fertility-rate-sinks-to-just-below-1-1-in-2024-a-new-historic-low-384805/>

Narkowicz, K. (2018). *Refugees not welcome here: State, church and civil society responses to the refugee crisis in Poland*. *International Journal of Politics, Culture, and Society*, 31(4), 357–373. <https://doi.org/10.1007/s10767-018-9287-9>

UNICEF / Kacprzak, M. (2025, 29 janeiro). *Educational integration of refugee children in Polish schools. Where do we stand after the introduction of compulsory schooling?*. <https://www.unicef.org/eca/press-releases/educational-integration-refugee-children>

Carrera, S., Vosyliūtė, L., & Vankova, Z. (2020). *The EU pact on migration and asylum in light of the UN global compact on refugees: International experiences on containment and mobility and their impacts on trust and rights*. CEPS Paper in Liberty and Security in Europe. Centre for European Policy Studies. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3721835>

Strzelecki, P., Growiec, J., & Wyszynski, R. (2021). *The contribution of immigration from Ukraine to economic growth in Poland*. *Review of World Economics*, 158(2), 365-399. <https://doi.org/10.1007/s10290-021-00437>

Bajomi-Lázár, P. (2019). *An anti-migration campaign and its impact on public opinion: The Hungarian case*. SAGE Public Policy, (Artigo). <https://journals.sagepub.com/eprint/XQT7JA33TFCV2TMIEJMX/full>

Hungarian Central Statistical Office. (2024). *Fertility and migration statistics in Hungary*.

Központi Statisztikai Hivatal (KSH). <https://www.ksh.hu/>

Bajomi-Lázár, P. (2019). *An anti-migration campaign and its impact on public opinion: The Hungarian case. Public Policy and Administration. SAGE.*

<https://journals.sagepub.com/eprint/XQT7JA33TFCV2TMIEJMX/full?>

Szabó, F. (2021). *Health workforce challenges in Hungary: Migration, ageing, and policy responses. Health Policy, 125(5), 634-642.*<https://doi.org/10.1016/j.healthpol.2021.02.005>

Passalacqua, V., & Grossio, L. (2023). *Migrants' Equal Access to Social Benefits under EU Law: Fragmentation and Exclusion during the Covid-19 Crisis in Italy. Utrecht Law Review.*

<https://utrechtlawreview.org/articles/10.36633/ulr.897?>

Peroni, C. (2025). *Community Connections: Understanding Local Dynamics in Italian Asylum Policy Implementation. Sage Journals.* <https://doi.org/10.1177/01979183241309577>

Nese, A. (2022). *Migrations in Italy and Perceptions of Ethnic Threat. Journal of International Migration and Integration, 24(3), 939-968.*

<https://link.springer.com/article/10.1007/s12134-022-00985-8>

Peroni, C. (2025). *Community Connections: Understanding Local Dynamics in Italian Asylum Policy Implementation. Journal of International Migration and Integration.*

<https://doi.org/10.1177/01979183241309577>

Bajomi-Lázár, P. (2019). *An anti-migration campaign and its impact on public opinion: The Hungarian case. Public Policy and Administration. SAGE.*

<https://journals.sagepub.com/eprint/XQT7JA33TFCV2TMIEJMX/full?>

Kancs, D'Artis & Lecca, Patrizio. (2018). *Long-term social, economic and fiscal effects of immigration into the EU: The role of the integration policy. The World Economy, 41(10), 2599-2630.*

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/twec.12637>